

Você Deve Se Guiar Pela Sua CONSCIÊNCIA?

Freqüentemente ouvimos a expressão: “Vá pela sua consciência”. Existe uma convicção comumente sustentada no mundo religioso de que, desde que a pessoa viva de acordo com o que a sua consciência dita, tudo está certo. Nesta lição, estamos indagando: “Você deve se guiar pela sua consciência?” Minha resposta pode soar como a de alguns políticos — pois é: “Sim e não”. Espero que você me ouça para que compreenda o que quero dizer. Começamos pela resposta “não”.

“NÃO”: A CONSCIÊNCIA SOZINHA NÃO É UM GUIA SUFICIENTE EM ASSUNTOS RELIGIOSOS

A Bíblia esclarece que a consciência não é um guia seguro para a religião. Considere o exemplo de Paulo. Paulo sempre andou de acordo com sua consciência. Ele disse ao Sinédrio: “Varões, irmãos, tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência até ao dia de hoje” (Atos 23:1b). Ao rei Agripa ele disse: “Na verdade, a mim me parecia que muitas coisas devia eu praticar contra o nome de Jesus, o Nazareno” (26:9). Quando escreveu para Timóteo, ele falou de “Deus, a quem, desde os meus antepassados, sirvo com consciência pura” (2 Timóteo 1:3a).

Embora a consciência de Paulo sempre aprovasse suas ações, antes de tornar-se cristão, ele fez muitas coisas que não agradaram a Deus — entre elas: rejeitar Jesus, perseguir os cristãos e assassinar homens e mulheres inocentes. Ele explicou isso ao rei Agripa:

Havendo eu recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e contra estes dava o meu voto, quando os matavam. Muitas vezes, os castiguei por todas as sinagogas, obrigando-os até a blasfemar. E, demasiadamente enfurecido contra eles, mesmo por cidades estranhas os perseguia (Atos 26:10, 11).

Ele disse a Timóteo que “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1 Timóteo 1:15b).

Em 1 Coríntios 4:4 Paulo disse: “Porque de nada me argúi a consciência; contudo, nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor”. A frase “nada me argúi a consciência” é uma tradução da forma verbal do grego equivalente a “consciência”. Paulo disse, com efeito: “Mesmo que minha consciência não me condene, isso por si só não quer dizer que eu esteja certo; Deus somente pode decidir se estou certo ou não”.

As provas de que a consciência não é um guia seguro em questões de religião poderiam se estender — extraídas da Bíblia e da experiência de todo homem. Na Bíblia, pessoas, em geral conscientes, pensavam que determinadas idéias eram certas quando, na verdade, não eram. Por exemplo, quando Jacó viu a túnica manchada de sangue de José, ele honestamente acreditou que seu filho tivesse sido morto por animais selvagens (Gênesis 37:31–35).

Uma pessoa pode estar honestamente errada e sinceramente enganada. “Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em

caminhos de morte” (Provérbios 14:12; veja também 16:25). É possível acreditar numa mentira e estar perdido (2 Tessalonicenses 2:10–12). Só a verdade liberta (João 8:32).

A consciência sozinha não é um guia suficiente em nenhuma esfera da vida¹: ela não é um guia infalível numa viagem; já acreditei conscientemente estar no caminho certo quando, na realidade, estava indo para o lugar errado. Ela não é um guia seguro na saúde; médicos já trataram conscientemente de pacientes com certas doenças, vindo somente mais tarde a descobrir que eram outras doenças. Ela não é um guia suficiente nos negócios; muitos já começaram negócios com uma boa consciência, vindo a perder tudo o que possuíam. Ela não é um guia suficiente no casamento; pessoas que honestamente acreditaram conhecer os parceiros que escolheram vieram depois a descobrir que não os conheciam absolutamente. (Jacó mesmo conscientemente acreditou que estava se casando com Raquel, quando, na verdade, estava se casando com Lia [Gênesis 29:21–30]!)

Por que a consciência sozinha é um guia insuficiente para a religião? A razão primária é que a consciência está limitada pelo conhecimento de que dispõe.

Observamos na lição passada que todos são dotados de uma consciência. Instintivamente, os indivíduos sabem que algumas ações são certas e outras, erradas. Além disso, a maioria das pessoas reconhece que algumas ações específicas são certas e outras, erradas. (Observei, anteriormente, que a maioria condenaria o tratamento que Hitler dispensou aos judeus.)

Além de tais questões fundamentais, porém, o que a consciência de uma pessoa considera certo ou errado depende do que a ela foi ensinado. Muitos adoram ídolos, praticam a poligamia ou possuem escravos; mas suas consciências não desaprovam essas ações porque foram ensinadas assim. Quando culturas com diferentes formações se juntam, surgem conflitos de consciência.

Quando os britânicos tomaram a Índia como parte de seu império, acreditavam que algumas práticas há muito tempo sustentadas tinham de ser abolidas. Uma delas era o costume de queimar a viúva de um homem na pira funerária. Os britânicos decretaram uma lei que proibiu tal prática. Um líder religioso indiano foi até um oficial e contestou: “Nossa consciência nos diz que a viúva deve ser queimada”. Ao que respondeu o oficial: “E nossa consciência nos diz que se vocês fizerem isso, vamos enforcá-los!”

Na lição anterior, comparei a consciência com um misto de juiz, testemunha, júri e executor todos juntos. Todavia, não é função do juiz, da testemunha, do júri, nem do executor fazer a lei. Mas, o propósito deles é reforçar a lei. Igualmente, a consciência é um corpo judiciário e executivo, não um corpo legislativo. Ela só pode reforçar as leis morais e espirituais de que dispõe.

Observe as definições de consciência “forte” e “fraca” em 1 Coríntios 8 a 10 e Romanos 14 e 15. A pessoa com uma consciência “forte” (Romanos 15:1) era aquela que possuía um *saber* correto sobre comer carne sacrificada a ídolos:

No tocante à comida sacrificada a ídolos, *sabemos* que o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo e que não há senão um só Deus (1 Coríntios 8:4; grifo meu).

Porque, se alguém te vir a ti, *que és dotado de saber*, à mesa, em templo de ídolo, não será a consciência do que é fraco induzida a participar de comidas sacrificadas a ídolos? É assim, por causa do *teu saber*, perece o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu (1 Coríntios 8:10, 11; grifo meu).

Por outro lado, quem tem a consciência “fraca” (Romanos 15:1) não tem esse saber: “Entretanto, *não há esse conhecimento em todos*; porque alguns, por efeito da familiaridade até agora com o ídolo, ainda comem dessas coisas como a ele sacrificadas; e a consciência destes, por ser *fraca*, vem a contaminar-se” (1 Coríntios 8:7; grifo meu)².

Alguém disse que “a consciência se apega ao padrão mais elevado que uma pessoa conhece”.

¹Essas ilustrações foram sugeridas por A. G. Hobbs, Jr., em seu tratado “A Consciência É um Guia Seguro?”. Fort Worth, Tex.: Autor Independente, s.d., pp. 1–5. Essas ilustrações são deliberadamente genéricas. Podem ser aprimoradas acrescentando-se exemplos pessoais de ações conscientes que estavam erradas. ²“Forte” não significa conhecedor de todas as coisas, mas simplesmente do assunto em consideração. É possível ter uma “consciência forte (conhecedora)” em um assunto e uma “consciência fraca (ignorante)” em outro assunto. Deve ser por isso que são usados *dois* tópicos como ilustrações em Romanos 14; 15: os cristãos judeus tinham uma consciência forte na questão de comer carne sacrificada a ídolos, mas fraca quanto a observar os dias especiais de festa para os judeus. Por outro lado, os cristãos gentios tinham uma consciência fraca na questão de comer carne sacrificada a ídolos, mas uma consciência forte quanto a observar os dias especiais de festa para os judeus.

A palavra operacional é a palavra “conhece”. O conhecimento maduro (isto é, um conhecimento da Palavra) capacita a pessoa a discernir entre o bem e o mal (Hebreus 5:13, 14).

A questão mais importante, portanto, não é: “O que a minha consciência diz é certo?”, mas: “O que a *Palavra de Deus* diz é certo?” Lemos: “Porque não é aprovado quem a si mesmo se louva, e sim aquele a quem o Senhor louva” (2 Coríntios 10:18).

Tem sido sabiamente dito que “a consciência é um guia seguro na medida em que ela é guiada seguramente” — isto é, “guiada seguramente pelos ensinamentos da Palavra de Deus”. A pergunta não é: “As pessoas estão conscientes?”, quando as vemos praticando o “batismo” infantil, tomando a ceia do Senhor em outros dias que não no domingo, ou usando música instrumental na adoração. Em vez disso, a pergunta deve ser: “O que a *Bíblia* ensina sobre esses assuntos?”

Sendo assim, a consciência não é um guia seguro em questões religiosas porque ela está limitada pelo conhecimento de que dispõe. Há também uma razão secundária por que nem sempre podemos confiar na consciência para nos guiar ao que é certo: alguns já abusaram tanto da consciência que ela já é um guia seguro para nada. Pois a consciência para permanecer forte, precisa ser exercitada (Atos 24:16).

Quando as pessoas ignoram a consciência, ela se torna corrompida (Tito 1:15) e cauterizada (1 Timóteo 4:2). A consciência corrompida e cauterizada poderia ser comparada a uma janela tão suja que não pode cumprir seu propósito. Jesus usou uma ilustração semelhante em Mateus 6:

São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão! (Mateus 6:22, 23).

Jesus usou “os olhos” para referir-se à capacidade de discernir assuntos espirituais. Se o olho físico estiver cego, o corpo estará em plena escuridão. Da mesma forma, se a capacidade de discernir o bem e o mal for destruída, a pessoa estará condenada à escuridão espiritual.

Através de informações erradas e do mau uso, o sistema de julgamento da consciência

pode ser virado de cabeça para baixo. Isaías falou dos que “ao mal chamam bem e ao bem, mal; que fazem da escuridade luz e da luz, escuridade” (Isaías 5:20a, b). Paulo escreveu a respeito daqueles cuja “glória... está na sua infâmia” (Filipenses 3:19c).

Essas referências ao abuso da consciência ilustram a necessidade de minha segunda resposta à pergunta: “Você deve se guiar pela sua consciência?”:

“SIM”: NÃO PRECISAMOS IGNORAR O QUE A CONSCIÊNCIA DITA — ESPECIALMENTE EM QUESTÕES DE JULGAMENTO

Tendo observado que a consciência sozinha não é um guia seguro em questões religiosas, poderíamos chegar à conclusão de que ela não é importante; mas nada estaria mais longe da verdade do que isso. Paulo disse claramente que quando violamos nossa consciência, pecamos:

Eu sei e estou persuadido, no Senhor Jesus, de que nenhuma coisa é de si mesma impura, salvo para aquele que assim a considera; para esse é impura (Romanos 14:14).

Mas aquele que tem dúvidas é condenado se comer, porque o que faz não provém de fé; e tudo o que não provém de fé é pecado (Romanos 14:23).

A palavra “fé” aqui não se refere à fé que procede da Palavra de Deus (Romanos 10:17), mas sim ao que se *acredita* ser certo e errado, o sistema de valores pessoal. Se uma pessoa age contrária ao que ela acredita ser certo ou errado (em outras palavras, viola sua consciência), Paulo diz que essa pessoa peca e está condenada³.

Por que é pecado violar a consciência? Porque cada vez que se vai contra a consciência, deixa-se a consciência menos eficiente. Destrói-se assim uma salvaguarda dada por Deus. Na lição anterior, comparei a consciência ao sistema nervoso. Se eu ignorar os avisos do meu sistema nervoso para ficar longe do fogo, não vai demorar muito para que meu sistema nervoso seja destruído (e eu com ele!).

Uma garota comparou a consciência a uma roda com pontas afiadas girando dentro de nós. “Quando fazemos o que não deveríamos, as pontas afiadas machucam!”, disse ela. A seguir, acres-

³Leia o texto cuidadosamente: se eu acredito que certa ação é errada, ela não é necessariamente errada para outros, mas é automaticamente errada para mim.

centou: “Mas se continuamos fazendo o que não devíamos, as pontas afiadas ficam gastas e não nos machucam tanto”. Poderíamos fazer o seguinte acréscimo: “E se persistimos em fazer o que não devemos, finalmente as pontas afiadas ficam totalmente gastas e não nos machucam mais”.

Li uma vez uma história que ilustrava o perigo de ignorar a consciência. Uma bóia com um sino havia sido instalada num certo ponto traiçoeiro na costa escocesa. Um capitão da marinha ficou furioso com os cidadãos que moravam naquela região. Numa raiva causada pela embriaguez, ele se vingou deles cortando o sino da bóia. Mais tarde, o navio do capitão estava numa tempestade longe daquela costa. Ele poderia ter ouvido o sino que o guiaria a salvo, mas isso não aconteceu. Ele e todos a bordo pereceram por causa de sua insensatez. A história termina com esta moral: Se um homem zomba da sua consciência, ela não estará lá quando ele precisar dela.

Paulo usou uma ilustração náutica diferente em 1 Timóteo 1:19: “mantendo fé e boa consciência, porquanto alguns, tendo rejeitado a boa consciência, vieram a naufragar na fé”. Uma consciência “rejeitada” poderia ser comparada à bússola de um navio que perdeu a precisão, causando, então, o naufrágio do navio.

A Bíblia usa termos vívidos para nos ajudar a compreender o que acontece com uma consciência que é repetidamente ignorada. Temos observado que uma consciência ignorada é como um conjunto de terminações nervosas, tão cauterizadas que param de funcionar (1 Timóteo 4:2). A comparação mais espantosa para mim, porém, é a ilustração usada por Jesus em Mateus 6:22, 23, quando Ele falou dos olhos estarem em trevas. E se soubéssemos que cada vez que pecássemos perderíamos um pouco da visão? Isso não nos estimularia a não pecar? Jesus estava nos avisando que, apesar de não perdermos a visão física quando violamos a consciência, perdemos a visão espiritual. Esse deveria ser um inibidor ainda mais forte contra o pecado.

A Bíblia contém inúmeras ilustrações de homens e mulheres que violaram a consciência, silenciando-a assim. Penso no rei Saul, que começou um reinado tão promissor, mas que depois

sucumbiu às tentações do poder. No fim, sua mente e coração ficaram tão empedernidos que o Senhor retirou o Seu Espírito dele (1 Samuel 16:14a).

Um dos exemplos mais admiráveis foi o sucessor de Saul, o rei Davi. Sendo normalmente um homem que possuía uma consciência terna, Davi acumulou um pecado após outro, sufocando sua consciência por semanas. Se não tivesse um amigo que lhe despertasse a consciência (2 Samuel 12:1–14), teria sido condenado para sempre.

Se a consciência de uma pessoa tiver sido mal informada, ela precisará ser reeducada. Ao mesmo tempo — até que *esteja* reeducada — não se deve ignorar o que ela dita. A título de ilustração, imaginemos que um homem ensinou por toda a sua vida que Deus não quer que ele coma carne sob certas circunstâncias. A Bíblia ensina que não há nada de errado em comer carne, se alguém deseja fazê-lo (1 Timóteo 4:1–5). Todavia, até que esse indivíduo aprenda essa verdade bíblica, deve continuar evitando comer carne como fazia no passado. Esse princípio poderia ser comparado com o ato de atravessar uma ponte que pensamos ser insegura. Uma vez que acreditamos que a ponte não é segura, devemos ficar longe dela. Quando finalmente formos persuadidos de que a ponte pode sustentar nosso peso, então podemos atravessá-la — mas não antes disso.

O processo de reeducar a consciência é contínuo. Como fazê-lo? Primeiro, precisamos estudar a Bíblia diligente e regularmente, tentando sempre obter uma compreensão melhor da vontade de Deus para nossas vidas. Segundo, precisamos ter mentes abertas que não temem examinar as próprias convicções à luz da Palavra de Deus.

Enquanto isso, até sermos persuadidos pelas Escrituras de que alguma convicção antiga seja errada, façamos o que nossas consciências nos dizem para fazer. Quando Martinho Lutero, o conhecido reformador, estava sendo julgado, ele fez esta declaração clássica:

A menos que seja persuadido pelas Escrituras e pela pura razão — não aceito a autoridade de papas e concílios, pois são contraditórios entre si — minha consciência está cativa à Palavra de Deus. Não posso e não vou me retratar em nada, pois ir contra a consciência não é certo nem seguro. Que Deus me ajude. Amém.⁴

⁴Roland H. Bainton, *Here I Stand: A Life of Martin Luther* (“Aqui estou eu: Vida de Martinho Lutero”). Nashville, Tenn.: Abingdon Press, 1950; Mentor Books, 1955, p. 144.

CONCLUSÃO

Espero que agora você compreenda minha resposta ambígua “sim e não” à pergunta: “Você deve se guiar pela sua consciência?” Em questões religiosas, a consciência sozinha *não* deve ser nosso guia. Por outro lado, devemos obedecer ao que a nossa consciência dita para não danificarmos essa proteção instalada por Deus. Precisamos estar sempre no processo de educar nossa consciência e aprimorar nossos conceitos do que é certo e do que é errado⁵.

Sugeriu-se que quando a consciência é conforme Deus quer, ela é *eficiente, iluminadora* e está sendo *exercitada*. Na primeira lição, enfatizamos a necessidade de uma consciência eficiente; neste estudo, enfatizamos a necessidade de uma consciência iluminada; na próxima lição, examinaremos a necessidade de uma consciência exercitada.

Ao encerrarmos, consideremos 1 Pedro 3:21. Nessa passagem, Pedro enfatizou que “o ba-

tismo, agora também vos salva... por meio da ressurreição de Jesus Cristo”. Ele destacou, porém, que o batismo não é “a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência”. Em outras palavras, uma razão para sermos batizados é que não mais tenhamos consciências culpadas.

A Palavra de Deus diz que você precisa crer (confiar) em Jesus (João 3:16), arrepender-se de seus pecados (Atos 17:30), confessar a fé que está em seu coração (Romanos 10:9, 10), ser batizado (imerso em água) para a remissão dos seus pecados (Atos 2:38) e então permanecer fiel até a morte (Apocalipse 2:10). Se a sua consciência estiver *iluminada*, ela reconhecerá que estes ensinamentos são verdadeiros. Se a sua consciência for *eficiente*, ela dirá que você *tem* de fazer essas coisas. Agora, você precisa *exercitar* a sua consciência fazendo o que sabe que precisa fazer. Que a nossa consciência responda “sim” para Deus — agora mesmo! ❖

⁵Pode-se empregar mais tempo aqui recapitulando os princípios elementares da lição.

Autor: *David Roper*

Série: *Atos*

© Copyright 2002, 2003 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS